



Chrys Chrystello*

Natal desesperançado

Hoje não queria falar da estação (festiva, para muitos crentes) pois - cada vez mais - deixou de ser um momento de reflexão. O Natal converteu-se num apelo ao consumismo desenfreado, à compra de tudo aquilo de que não necessitamos, à falsidade de declarações. Podemos ser uns malfiteiros durante todo o ano mas no natal é suposto sermos bem comportados...

Todos os anos fazemos votos que raramente se cumprem, tal como os acordos entre nações para reduzir a dependência dos combustíveis fósseis ou as alterações climáticas. As guerras surgem mais frequentes que as estações do ano, a violência não cessa de aumentar, as dependências e drogas envolvem mais e mais gente, tal como aumentam os pobres, os sem-abrigo, a falta de respeito e de princípios parece ser a norma universal. A política é um pântano malcheiroso para onde só vão os que nunca fizeram outra coisa e são mal pagos (embora muitos compensem de outros modos durante ou após o seu termo de funções). As crises políticas têm menos impacto que a discussão dos casos de cada jogo de futebol, já ninguém liga e poucos ainda são os que teimam em votar. Cada vez mais há governos eleitos por menos de um quarto da população eleitora...

Para mim, Natal foi tempo de partir, em 1975 para a Austrália e Bali, em 1976 para Macau, em 1983 de vez para a Austrália, e em 1994o regresso a Portugal depois de um natal mineiro típico (muito feijão) em Belo Horizonte. Associo Natal, a tropical ou subtropical (de 1973 a 1995: Timor, Macau, Austrália, Brasil), sempre no hemisfério sul, em praias ou dentro de água. A ideia de natais frios e enregelados ainda hoje não é particularmente atraente, embora nos Açores o clima seja moderado.

O Natal das recordações de infância é diferente dos atuais e nunca mais será mágico. Era a festa dos bolos, doces minhotos e transmontanos (aletria, sopa dourada, filhós, formigos), do excecível polvo acompanhado de arroz e do segundo prato de bacalhau cozido com todos, na noite de consoada, e seus vegetais (dois ou três tipos de couves), batatas cozidas com cenoura, cebola e ovo. Era o tempo dos presentes no sapatinho, um presépio com musgo autêntico (ora proibido, dá direito a multa e tudo), um pinheiro que se ia buscar nem eu sei onde, mas autêntico (ainda não havia movimentos ecologistas) e, pelo menos uma vez, veio de ao pé de Santo Tirso (Negrelos). As velas eram verdadeiras e as bolas da árvore de Natal eram poucas e caras. Era a festa do nascimento do Menino Jesus, Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade. Era também a festa dos pobres pois vivia-se na era da caridadezinha cristã que o Estado Novo incentivava.

Lembro-me dum natal pelos 8 anos (1957). Havia um galinheiro ao fundo do quintal com galinhas, que além de porem ovos, serviam para a alimentação durante o ano, mais um galo e o inevitável peru pelo Natal, sem nunca ter percebido o fim que os animais tinham, intimamente relacionado com o que me punham na mesa. No Natal aparecia o dito peru que tivera a malfadada sorte (?) de estar na engorda antes de ser degolado. Uma vez, um deles andou pela cozinha sem cabeça, aos saltos, para grande gáudio nosso e espanto da empregada que bebeu parte do brandi destinado ao peru... como era seu apanágio.

Outra recordação duradoura, indelevelmente associada à infância, é a dos saltimbancos que apareciam, para fazerem as suas acrobacias na rua em troco duns tostões. Eram, em geral, famélicos e escanzelados. Divertiam-nos com as suas habilidades, desde os palhaços a um outro a vomitar fogo, outros marchando em cima das "andas" que chegavam ao primeiro andar onde eu os observava, e outros que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida: o que mais me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

No Natal de 2007 fui ao Pico mas não consegui visitar as grutas da Torre (fechadas) e tive de regressar em 2009 para as visitar. Todos os minutos foram de uma desconumal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme "À procura da arca perdida". O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. Podia recordar 2008 e falar-vos do Pico com neve em pleno natal ou de como foi difícil arranjar onde jantar na Horta (Faial) na véspera de Natal, no dia 25 e seguinte (a que os anglófonos chamam

de Boxing Day). Podia falar-vos do jantar de consoada no Hotel Canal, a única unidade hoteleira aberta nesses dias, pois na imensa sala de jantar éramos apenas três e a funcionária. Ia quase pedir-lhe desculpa de a ter obrigado a estar ali na noite santa, quando um grupo de 7 alemães e outro de 5 espanhóis entrou na sala e deixei de me sentir responsável pela reserva efetuada em outubro.

Pouco antes (dezº 2005), vooi pelo Atlântico para passar o Natal com a minha mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois reconhecia (mas começara a ter dúvidas) que os filhos tinham esse dever. Em tempos esperara que os nossos fizessem o mesmo. Não tive essa sorte. Estive sempre disposto a fazer o que fosse preciso pelos pais. Sonhei que se repercutiria comigo mas não tinha ilusões. A relação não era biunívoca, as gerações não eram estanques. Que se passou, no país e no mundo? Erramos na educação dos filhos? Não lhes inculcamos valores pelos quais nos guiamos durante a nossa vida? Não soubemos transmitir esses laços? Algo de errado devemos ter feito. Ou esta sociedade já nada tem a ver com a nossa? Lembrava-me de durante mais de duas décadas e meia em que estive expatriado sempre ter tido o cuidado de voltar em férias a Portugal. Ainda hoje lamuriava que com os gastos dessas viagens não tivesse viajado mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Nova Caledónia, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas.

Esta é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal, que ocorre, para a qual a minha geração não estava preparada. Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para arrostar com provações e prosseguir. Estou profundamente cético e negativista, pois sei que a velhice vai encontrar um grande silêncio por parte dos jovens, incapazes de nos verem envelhecer e aceitar graciosamente as mudanças.

É preciso estar ciente que com os anos as coisas evoluíram e se transformaram, inclusive a relação entre pais e filhos. Não podemos agir como os nossos pais no passado. Estamos em constante evolução e nada melhor que bom senso e amor para educar os filhos, para manter um bom relacionamento. Na Austrália havia 97% de coisas positivas, mas queixava-me dos 3% que abominava, pela inumanidade de tratamento dos pais pelos filhos. Ao vir para Portugal pensava encontrar aqui esses 3% que me tinham feito falta. Enganei-me, ambos os países tinham já sociedades similares de desprezo pela terceira idade. Mesmo assim, há muitas experiências de vida que seria útil partilhar e trazê-las de volta a um tempo em que a família era alargada, e convivia nas festas de Natal e Páscoa. Creio que aquilo que se passou na mudança do séc. XIX para o XX está a suceder hoje a um ritmo bem mais acelerado. Qualquer dia só nos conhecemos virtualmente através do Facebook ou qualquer outro instrumento virtual. Talvez seja melhor e assim haja menos intrigas e desavenças familiares. É mais difícil brigar com estranhos, em especial se não soubermos que são da mesma família... Bem, resumindo, apesar de tudo isto, tenho saudades do Natal à moda antiga.

A todos desejo, não só nesta estação festiva como no resto dos anos que aí virão por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos, na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera porque os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Por outro lado, se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão, que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia na cruz ao Cristo.

Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor. "As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida". Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sintá-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os que são escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito que vos desejo para os próximos 365 dias.